

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA

**PERCEPÇÕES DE EXTENSIONISTAS SOBRE O PROJETO
‘JUVENTUDES E FUNK NA BAIXADA SANTISTA’ PARA A
FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

Santos

2018

GIOVANNA MOREIRA ZANCHETTA

**PERCEPÇÕES DE EXTENSIONISTAS SOBRE O PROJETO
‘JUVENTUDES E FUNK NA BAIXADA SANTISTA’ PARA A
FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

Trabalho apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação do Prof. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba

Santos

2018

Z27p

Zanchetta, Giovanna, 1993-

Percepções de Extensionistas sobre o projeto 'Juventudes e funk na Baixada Santista' para a formação em Serviço Social. / Giovanna Moreira Zanchetta; Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba. – Santos, 2018.

46 f. : 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada Santista, Curso de Serviço Social, 2018.

1. Extensão universitária. 2. Serviço Social. 3. Juventudes. I. Borba, Patrícia, Orientador. II. Título.

GIOVANNA MOREIRA ZANCHETTA

**PERCEPÇÕES DE EXTENSIONISTAS SOBRE O PROJETO ‘JUVENTUDES E
FUNK NA BAIXADA SANTISTA’ PARA A FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

Trabalho apresentado ao curso de Serviço Social da
Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada
Santista, como requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Profa. Dra.
Patricia Leme de Oliveira Borba.

Aprovado em: ____/____/____

EXAMINADORES:

Profa. Dra. Patricia Leme de Oliveira Borba

Universidade Federal de São Paulo

Profa. Dra. Sônia Regina Nozabielli

Universidade Federal de São Paulo

Dedico esse trabalho a minha avó Maria por ter me ensinado tanto sobre amor. Você partiu levando uma parte de mim, sei que você estaria muito orgulhosa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família. Minha mãe, que sempre foi minha grande inspiração intelectual. Ao meu pai, que sempre foi minha grande inspiração de criatividade. Aos dois, por sempre acreditarem nos meus projetos e por me darem condições objetivas para chegar até aqui. Aos meus irmãos, Lahra, Julio e Barbara por todo amor. Lahra, obrigada por me impulsionar desde sempre a ser uma pessoa boa e honesta comigo mesma e consequentemente com as outras pessoas. À minha companheira, Camille, por me proporcionar ser uma pessoa melhor todos os dias, por todo amor e carinho, além das ajudas com questões técnicas do projeto, por simplesmente acreditar. Você é grande inspiração! À minha família, que não me virou as costas por eu ser quem eu sou e por se orgulhar e sempre me incentivar a ir mais longe. Tia Tuca, por todo o carinho, orações e mimos que me ajudaram sem dúvida a chegar até aqui. À Mariana por ter aberto as portas da sua casa e do seu coração, me acolhendo no momento mais difícil da minha vida, me proporcionando um espaço que foi fundamental para conseguir concluir essa etapa. Ao meu primo do coração, Max, por ter tido aquela conversa no sofá sobre o que era o Serviço Social e o quanto eu iria me identificar. Você tinha toda razão! O Serviço Social é, sem dúvidas, o que eu quero para minha vida e me proporcionou uma grande revolução interna. À minha amiga, orientadora e grande referência, professora Patrícia. Obrigada por me fortalecer durante a graduação, me segurar firme nos momentos que caí e me estender a mão para me reerguer e com a mesma mão me ajudar a enxergar caminhos, além de ter acreditado nesse projeto e sempre fazer tudo com muito carinho, sensibilidade e amor. À professora Cristiane por ter me motivado tanto e me proporcionado tanto crescimento profissional e pessoal, além de ser uma grande referência enquanto mulher. Obrigada por todas as trocas que me atingiram e impactaram enquanto mulher lésbica, feminista e militante. Você tem grande colaboração com todos esses meus processos de reconhecimento do meu “eu” e você estará eternamente na minha memória. À extensão ‘Juventudes e Funk’ e todas as pessoas que passaram por ela nesse período de quatro anos. Obrigada por serem a grande inspiração da minha vida e acreditar nesse projeto tão potente. Sentirei profundas saudades. Às docentes, não só do curso de Serviço Social, mas aquelas que me fortaleceram na trajetória acadêmica e sempre me impulsionaram. A vocês, mulheres, foi um prazer imenso aprender com vocês através não só dos afetos cotidianos, mas na observação das suas ações rotineiras que transformam e afetam muita gente. Aurora, obrigada por acreditar, apostar e me motivar, você estará sempre no meu coração. Vocês me inspiram e fortalecem! Falando de mulheres, não poderia deixar de agradecer às trabalhadoras desse campus que mantêm toda essa estrutura com seus próprios braços e punhos. Também aos trabalhadores terceirizados. Estarei sempre, ao lado de vocês, trabalhadoras/es e

espero um dia contribuir minimamente para o rompimento dessa sociedade capitalista, desigual e injusta que nos coloca em posições sociais tão distantes, sem equidade. Gostaria de agradecer ao movimento estudantil da UNIFESP BS por ter me ensinado tanto, na dor e no amor, sobre organização política e resistência. A cada um/a de vocês, camaradas, um forte abraço e punhos erguidos, continuamos na luta e nos encontraremos na resistência. Ao Centro Acadêmico Ricardo Ferreira Gama, por levar o nome desse trabalhador e eternizar sua memória e por ter me dado a possibilidade de participar dessa gestão, mesmo que por pouco tempo. Não poderia deixar de citar minhas amigas, Bruna, Julia, Paula e Tarsilla por me proporcionarem tanto afeto, suporte, puxões de orelha e alegrias que foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Às outras pessoas amigas que são essenciais na minha vida e que me ensinam todos os dias e fizeram parte dessa trajetória. Obrigada Rodrigo, por todo amparo, proteção e carinho. À Obirinrio por me ajudar a olhar para dentro com mais perdão, carinho e reconhecimento, vocês foram um grande marco na minha vida por me ajudarem a ver que está tudo bem ser quem eu sou e que eu existo! Vocês estão sempre comigo. Ao time de futsal feminino da UNIFESP por me possibilitar continuar vivenciando algo tão importante na minha vida e com tanta história em um momento tão marcante da minha vida.

A extensão universitária compõe o tripé da formação nas universidades públicas brasileiras junto com a formação em ensino e pesquisa. Compartilhamos de seu potencial formativo, contudo seu lugar na estrutura institucional, em geral e no curso de Serviço Social, em específico, é ainda periférico. Frente a isso propomos uma pesquisa cujo o objeto é analisar o impacto da extensão universitária no Projeto de Extensão 'Juventudes e Funk' para a formação em Serviço Social. A metodologia utilizada foi qualitativa a partir da reunião de entrevistas em profundidade com nove estudantes do curso de Serviço Social da UNIFESP Baixada Santista que participaram da extensão 'Juventudes e Funk na BS' no período de 2014-2018. A partir dos resultados, compreende-se que a extensão 'Juventudes e Funk' conseguiu amparar a formação em Serviço Social fortalecendo a reflexão crítica, contribuindo para a ampliação do aprendizado e do processo teórico-metodológico, em especial concernente ao campo da Juventudes, Escola e Marcadores Sociais da Diferença, além de ofertar fundamentos para o processo técnico-operativo que o/a futuro/a assistente social utilizará na sua atuação profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão Universitária, Serviço Social, Juventudes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
I. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	18
I.I CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	21
II. SERVIÇO SOCIAL E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	23
III. METODOLOGIA.....	25
IV. IMPACTO NA FORMAÇÃO.....	27
V. TRABALHO COM GRUPOS.....	33
VI. CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO - ESTUDANTE, EXTENSÃO E UNIVERSIDADE.....	35
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
VIII. REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A.....	45
APÊNDICE B.....	46

INTRODUÇÃO

A formação universitária pública nos possibilita vivenciar inúmeras experiências para além das salas de aula. Um ponto forte da universidade pública no Brasil é a possibilidade de proporcionar para a comunidade acadêmica acesso a diversas atividades que geram um intercâmbio de saberes e de sujeitos que podem transformar sua graduação em uma longa viagem no qual o combustível é a busca pelo saber. Mas, sabemos que o saber gerado dentro da academia, só tem sentido se alcançar o que está fora dela. A universidade é um espaço que reflete o que temos enquanto sociedade. É um espaço que garante a disputa por diferentes visões sobre um mesmo ponto. Logo, tudo que é gerado nesse espaço, é resultado do que temos na vida em sociedade.

Neste trabalho, gostaria de apontar sobre a importância desse lugar “fora” das carteiras, ou como convencionalmente tem sido nomeado de ‘currículo oculto’, e apresentar o impacto das experiências vividas por estudantes do curso de Serviço Social na extensão universitária *Juventudes e Funk na Baixada Santista: Território, Rede, Saúde e Educação* no processo da graduação. Além disso, enfatizar a importância da extensão para graduação e formação em Serviço Social, trazendo alguns relatos a partir da minha própria experiência em composição com meus colegas, graduandos ou graduados em Serviço Social através de entrevistas que vivenciaram essa experiência e apontar o quanto esse fator interferiu para a nossa futura atuação profissional e para a construção de uma postura ética-política que vai ao encontro com o nosso projeto ético político.

Faz-se necessário aprofundar a discussão sobre essa temática, pois a extensão universitária afeta toda a dinâmica da universidade, mas sempre obteve um espaço historicamente marginal dentro das instituições de ensino. Esse fator interfere o processo de graduação dos sujeitos, pois deixa frágil esses espaços de rompimento com os muros da universidade e torna escassa a nossa visão sobre a realidade do mundo, impossibilitando a práxis e a troca de saberes que potencializa todos os processos de formação de conhecimento e construção de identidades, tanto pessoais, quanto profissionais e também de uma sociedade menos desigual.

O Projeto de Extensão *Juventudes e Funk na BS: Território, Rede, Saúde e Educação*, realiza desde 2014 ações em parceria com escolas públicas na cidade de Santos e Guarujá. O objetivo do projeto é possibilitar uma ampliação das bases teóricas e práticas para estudantes da graduação da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista, relativos as temáticas das juventudes e seus atravessamentos como gênero, sexualidade, raça-etnia. Compartilha da perspectiva teórica dos marcadores sociais da diferença para compreender as vulnerabilidades vivenciadas por essa categoria de sujeitos. O conceito dos marcadores sociais da diferença parte da intersecção das “diferenças” entre os sujeitos, nesse sentido Crenshaw (2002, p. 177) define:

Daí o conceito de interseccionalidade como [...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela [interseccionalidade] trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

Além do conceito interseccional, as ações da extensão Juventudes e Funk também são orientadas pelo conceito que compreende a juventude sem resumir somente aos fatores biológicos, mas também a fatores geracionais e sociais na condição de sujeitos de direitos. Dessa forma, para Margulis e Urresti (1996, p. 4):

Ser jovem, portanto, não depende somente da idade como característica biológica, como condição do corpo. Tampouco depende do setor social, com a consequente possibilidade de aceitar de maneira diferencial a uma moratória, a uma condição de privilégio. Há que se considerar também o fato geracional: a circunstância cultural que emana de ser socializado com códigos diferentes, de incorporar novos modos de perceber e de apreciar, de ser competente em novos hábitos e destrezas, elementos que distanciam aos recém chegados do mundo das gerações mais antigas.

A extensão se direciona em especial para atuação em parceria com as escolas públicas, isso porque percebe a potência do trabalho nesse espaço, e elas são fundamentais para a expressão e construção dos/as jovens.

Torna-se importante ressaltar que se por um lado há potência na relação com o espaço escolar, também há contradições, pois nos moldes de educação que temos atualmente a escola serve como um referencial para esses sujeitos, mas também é o ambiente de gerador de conflitos, como apontam Green e Bigum (1996). Além de cumprir um papel de controle dos corpos e saberes, punindo e hostilizando a juventude que não encontra na escola uma saída para o reconhecimento de sua identidade.

Seguindo essa perspectiva teórica de compreensão das juventudes, consideramos escola como um espaço central que reúne esses sujeitos de forma plural (ou deveria) e que se torna um campo de possibilidade de diálogo possibilitando através das ações conjuntas uma criação de repertórios críticos e novas tomadas de posicionamentos em relação a sociedade patriarcal-racista-capitalista em que vivemos, como aborda Cisne (2018, p. 213):

O entendimento dessa sociedade exige compreender que as classes sociais não são meras abstrações, mas sim relações sociais que envolvem antagonismos inscritos em uma materialidade de corpos reais, que possuem sexo/sexualidade, raça/etnia.

Através das diferentes ações do projeto de extensão e a essência desse trabalho fica explícito a base que o/a estudante irá conhecer e entrar em contato com as proposições práticas e o aparato teórico-prático.

Temos como objetivos específicos o projeto de extensão ‘Juventudes e Funk’, como aponta o projeto cadastrado no Sistema Interno da Pró-reitoria de Extensão da UNIFESP:

- Mapear parcerias e demandas dos municípios do Guarujá, São Vicente e Santos para escolha dos territórios, das escolas e das casas noturnas/loais de lazer;
- Ampliar o repertório de atuação dos/as estudantes de graduação na perspectiva da formação profissional efetivada na prática;
- Compreender e realizar intervenção na condição de vulnerabilidade ao HIV, AIDS, IST's, Hepatites;
- Compreender e realizar intervenção na condição de vulnerabilidade ao uso prejudicial de álcool e outras drogas;
- Compreender e realizar intervenção na condição de vulnerabilidade à violência;
- Compreender e realizar intervenção nas hierarquias e desigualdades constituídas a partir das intersecções entre os marcadores sociais da diferença (gênero, raça, classe social, geração, orientação sexual) na trajetória de vida dos/as jovens;
- Colaborar na formação de agentes jovens dentro dos territórios de atuação do projeto de extensão;
- Mapear o território a partir dos bailes funks, escolas e outras redes de relações sociais onde os/as jovens estiverem inseridos para realização de futura investigação;
- Fortalecer a rede de atenção em saúde, educação, cidadania e Direitos Humanos dos municípios onde o projeto atuará

O projeto ‘Juventudes e Funk’ desenvolve desde o ano de 2015 parceria com a escola ETEC (Escola Técnica) Aristóteles Ferreira localizada na orla da praia de Santos que é composta por cerca de 600 estudantes de várias cidades da Baixada Santista.

Realizamos até o ano de 2016 uma parceria na escola Visconde de São Leopoldo localizada na Vila Mathias ao lado da do campus da UNIFESP Saúde e Sociedade. Iniciamos uma parceria no ano de 2017 com a Escola Estadual Paulo Clemente Santini localizada na cidade do Guarujá, Jardim Praiano, escola que passou pela reorganização do ensino executada pelo ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, que retirou o ensino médio da escola desde o começo de 2018 e deixou somente o ensino fundamental, o que nos desafiou e desafia muito, pois antes de 2018 nosso trabalho alcançava somente os sujeitos que compõe o ensino médio.

Para além da parceria com as escolas, nosso foco principal, também temos ações em outros espaços, como por exemplo no eixo comum da UNIFESP ‘Trabalho em Saúde’ que nos convida há dois anos para facilitar oficina para um grupo de jovens universitários que atuam em um campo com jovens no morro São Bento, ação que serve com o intuito de possibilitar que outros jovens

multipliquem o trabalho das *oficinas da diferença* em outro espaço que não conseguimos chegar. Além disso, também realizamos no ano de 2016 uma oficina na Fundação Casa da Praia Grande, mediando uma discussão sobre eleições e propondo a criação de raps, funks, poesia, sobre o tema. Fomos convidadas para realizar uma oficina no campus UNIFESP Osasco a convite do NAE (Núcleo de Apoio ao Estudante) para debater com o campus sobre diversidade sexual e gênero, pois havia naquele momento casos alarmantes de transfobia e violência de gênero em festas.

No ano de 2018, retomamos um contato de uma ex-extensionista, formada em psicologia pela UNIFESP que atua com o grupo de jovens do CREAS (Centro de Referência Especializado da Assistência Social) em Santos. Também realizamos uma oficina para que os/as jovens se aproximassem do espaço da universidade e também para apoiarmos o trabalho que está sendo realizado pela equipe. Temos parceria desde de 2015 com a Semana da Diversidade Sexual de Santos e utilizamos o espaço da UNIFESP para fazer um painel de debate sobre gênero e diversidade sexual, convidando parceiros/as para debater assuntos que compreendemos ser importantes e conectados com a atualidade.

Realizamos uma batalha de rimas no ano de 2016 no campus Saúde e Sociedade com o propósito de trazer para perto as manifestações de resistência juvenil e dar visibilidade para jovens que estão nesses movimentos que pertencem a Baixada Santista. Além de tentarmos unir rap e funk para dialogar e compreender as manifestações desses movimentos quando colocados em diálogo. Sabemos que ambos refletem uma cultura juvenil de aproximação entre pares, criação, manifestação e resistência.

Entendemos que dialogar com esses movimentos é compreender uma juventude que geralmente está excluída de espaços de educação tradicional e de tantos outros, como por exemplo, a universidade pública. Depois de realizarmos esse evento, percebemos que precisaríamos dar um passo atrás. Pensamos coletivamente em fazer um evento mensal para debater e dialogar como o movimento de rap da Baixada Santista e aproximar esses/as jovens do espaço da universidade e também dos/as seus/as pares, possibilitando um maior intercâmbio de realidades e de ações conjuntas. Realizamos rodas de conversa mensais com temas como “rap e eleições”, “rap e machismo” que dialoguem com o momento atual político, mas também com o próprio movimento de rap, possibilitando que a voz desses/as jovens ecoe e que eles/as compreendam a importância do que estão realizando para a construção de um movimento cultural contra-hegemônico de uma sociedade estruturada no patriarcado, racismo e capitalismo (CISNE, 2018).

Desde o ano de 2017 nos motivamos à produção de escrita que nos possibilitou ter uma experiência materializada de pesquisa-extensão. Contribuindo com o processo de sistematização dos processos vividos, mas também de ampliação do nosso trabalho, possibilitando aprofundar o conhecimento em relação às demandas que surgiam dos/as jovens durante as oficinas que realizamos.

Na escola Aristóteles Ferreira (ETECAP), compomos uma parceria para o acompanhamento das salas em um projeto anual. Esse projeto tem como objetivo trabalhar temas durante o ano inteiro com as turmas e no final produzir algum material que apresente as pesquisas realizadas. No ano de 2016 a proposta era a execução de um vídeo por cada sala. Os temas abordados foram os eixos temáticos centrais da extensão que nomeamos marcadores sociais da diferença. Os primeiros anos ficaram com Relações de Raciais, segundos anos com Diversidade Sexual e os terceiros anos Relações de Gênero. Esses temas foram discutidos por cada sala em cinco eixos diferentes, sendo eles: Mundo do Trabalho, Ciência, Tecnologia, Cultura e Educação.

No ano de 2017 tivemos o objetivo de produzir no final do ano uma sala temática através da proposta do Projeto Interdisciplinar “*Sobre o Outro em Mim*” que tinha como eixo central naquele ano debater a *Alteridade*. Cada turma tinha um tema. Os temas abordados foram;

1ºs ANOS
Crianças em situação de vulnerabilidade social
Adolescentes (rapazes e moças) grávidos/as e/ou pais e mães adolescentes
Jovens Trabalhadores/as
Adultos/as transexuais e travestis
Idosos/as Institucionalizados/as
2ºs ANOS
Comunidades indígenas
Usuários/as de drogas
Pessoas em situação de rua
Mulheres com deficiência
Pessoas que vivem com HIV/AIDS
3ºs ANOS
América Latina – Peruanos/as, Bolivianos/as, Colombianos/as, Venezuelanos/as
Senegaleses
Haitianos/as
Sírios/as e Palestinos/as
Mexicanos/as nos EUA

Imagem 1: Tabela realizada por equipe de extensão para organização interna

Componho a equipe de extensão do ‘Juventudes e Funk’ desde os primeiros três meses de universidade no ano de 2015. Há quatro anos, tenho no chão da escola um alicerce que fortaleceu e guiou minha atuação profissional, tendo bases teóricas-metodológicas e também ética-políticas. Foi na troca cotidiana com meus pares universitários que compreendi o que é de fato o trabalho interdisciplinar e a força que está intrínseca aos processos. As inúmeras reuniões que vivenciei durante esses anos, me fortaleceram enquanto profissional que precisa compreender a razão e a essência da sistematização dos processos vividos. Aprendi sobre escuta e sobre meu lugar de fala.

Consegui, junto com colegas entender melhor como transitar entre o lugar profissional e o lugar da militância e como conjugar esses dois elementos.

Durante esse quatro anos, compartilhei as vivências e a construção diária desse projeto com estudantes dos cursos de Educação Física, Terapia Ocupacional, Psicologia e Serviço Social. Além disso, o projeto é coordenado pela professora Cristine Gonçalves graduada em Ciências Sociais docente do eixo comum ‘O Ser Humano e Sua Inserção Social’ da UNIFESP BS e também pela professora Patrícia Borba graduada em Terapia ocupacional, docente do Eixo Específico ‘Terapia Ocupacional’.

O projeto de extensão em análise nos reconhece e legitima enquanto sujeitos jovens, recheados de expectativas, mas também de frustrações. Todos esses anos o lugar da militância nunca foi diminuído, pelo contrário, fizemos e fazemos juntos/as, pois compreendemos que mesmo dentro de um espaço que prega que somos iguais e privilegiados por ter alcançado, ainda assim somos diferentes e ser diferente nos une, mas também nos desafia constantemente. Os meus pares me ensinaram muito sobre os limites e possibilidades que suas profissões os colocam, não tenho dúvida que nós do Serviço Social também deixamos nossas marcas.

Uma marca importante foi ter tido a experiência de me (re)conhecer e me compreender no mundo. Através das oficinas e do arcabouço teórico dos marcadores sociais da diferença, compreendi o processo de me reconhecer enquanto sujeito político, mas também de compreender que o outro faz parte da minha existência. Me aproximar do sentido de alteridade e compreender na essência a construção coletiva dos saberes e afetos. Esse é um legado importante, pois por mais que tenha conhecido um universo totalmente diferente do que eu já havia visto anteriormente e ter aberto minha mente gradualmente durante a graduação com um processo que chamam “desconstrução”, vi de perto o processo de me entender no mundo diante de outros e não isoladamente como sujeito de uma classe social dominada, recheada de ideologias burguesas e explorada. Ao longo dos anos, pude perceber o impacto que sofri em relação a isso podendo impactar outros/as que conseguimos alcançar com as nossas ações extensionistas.

Para além dessas vivências, o amplo leque de temáticas me possibilitou ter vivências extracurriculares que potencializaram ainda mais o meu processo formativo. Cursos de formação em HIV/AIDS, seminários sobre população LGBTQI+, congressos internacionais de gênero com participação e apresentação de trabalhos, além de apresentações em todos os congressos acadêmicos da UNIFESP como representante do grupo de extensão. Essas experiências me deram suporte para crescer intelectualmente e melhorar a minha comunicação oral e o processo de sintetização das experiências. Além disso, estar cotidianamente em diálogo com outros pares vivenciando outras realidades também me fez ter estratégias diferentes de comunicação me preparando para minha futura

atuação profissional para que eu consiga nos campos sócio ocupacionais executar um trabalho onde eu consiga dialogar de forma igual e acessível com a população.

Esse processo de reconhecimento das aprendizagens – pessoais e profissionais que tive no projeto de extensão ‘Juventudes’ foram se tornando mais claras ao longo dos anos, mas, pela presente pesquisa me propus a escutar e analisar as aprendizagens adquiridas pelos meus colegas, assistentes sociais especificamente, nesse mesmo projeto. A seguir, relato os objetivos e os caminhos metodológicos que percorri.

I. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A universidade pública brasileira surge tardiamente na primeira metade do século XX. A extensão universitária no Brasil, começa a acontecer de forma mais concreta e nos modelos que temos atualmente por um movimento dos estudantes através da organização política, via UNE (União Nacional dos Estudantes) e também dos movimentos sociais na década de 1960 que desafia a universidade a ter seu caráter transformador e de compromisso social. Importante ressaltar que nesse período, Paulo Freire criava na Universidade do Recife o *Serviço de Extensão Cultural*. Porém, houve uma ruptura quando o golpe militar de 1964 ocorre no país. Começa, a partir desse período, a eliminação do movimento estudantil e de qualquer ideologia emancipatória e educação com base popular. Tivemos nesse período uma iniciativa do Estado na criação do *Projeto Rondon* em 1966 que possibilitava ações entre jovens universitários em comunidades rurais pobres, porém com uma perspectiva assistencialista, o que não possibilitou grande abertura de diálogo entre universidade e comunidade. (GADOTTI, 2017).

O direcionamento político da universidade baseada no FORPROEX (Fórum de Pró-reitores de Extensão) no ano de 1987 foi o grande reencontro entre o saber acadêmico e o saber popular seguido da constituição de 1988 que legitimou o princípio da indissociabilidade do tripé, além da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) de 1996 que também estabeleceu a extensão universitária o compromisso com a transformação da realidade como um instrumento direto de mudança social. (GADOTTI, 2017).

Sabemos que esse direcionamento político é extremamente importante para pensarmos o papel da universidade, mas na prática isso se distancia da realidade de ter a extensão universitária como a porta principal aberta integralmente para toda a sociedade fazendo com que ela se torne de fato acessível à todos/as com construção coletiva. Diante dessas contradições, temos a falta de investimento público na universidade em geral que consequentemente afeta diretamente o andamento dos projetos. Outro fator é a existência de diferentes perfis docentes, onde alguns por suas trajetórias acadêmicas tem mais aproximação e desejo pelas práticas extensionistas e outros/as não, pois se dedicaram muitas vezes à pesquisas teóricas ou até mesmo a militância política via associações de classe ou partidos políticos. Dessa forma, a extensão não ganha centralidade nas trajetórias da docência nas universidades, sendo desigual entre docentes e cursos. As formas e quantidade de oferta de projetos/programas extensionistas, afetando a maneira como os discentes vão vivenciar (ou não) essas experiências e muitas vezes, quando os discentes se envolvem em áreas ou mais teóricas, ou mais 'laboratoriais' acarreta o distanciamento dos mesmos em relação a participação na Extensão. A extensão universitária faz parte do tripé ensino, pesquisa e extensão e foi a última a surgir dentro

dessa estrutura que constitui a universidade pública brasileira. Tem na sua essência a interdisciplinaridade visando o diálogo e alteridade. É caracterizada pelo diálogo com a sociedade e busca nas suas ações, não só fortalecer a troca de saberes com as classes populares, mas também buscar a emancipação dos sujeitos através de ações permanentes, visando o acesso dos mesmos aos direitos e a compreensão mais aprofundada, além de avigorar a democracia, elucidando o papel dos sujeitos políticos e tornando tangível a construção do exercício da cidadania. A extensão universitária convoca a universidade a desempenhar o seu papel de comprometimento com a transformação social. A esse respeito, Paula (2013, p. 6) declara:

De fato, as dificuldades conceituais e práticas da justa compreensão e implementação da extensão universitária decorrem, em grande parte, do fato de a extensão se colocar questões complexas, seja por suas implicações político-sociais, seja por exigir postura intelectual aberta à inter e à transdisciplinaridade, que valorize o diálogo e a alteridade. Para dizer de forma simples, a extensão universitária é o que permanente e sistematicamente convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social, que aproxima a produção e a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, cuidando de corrigir, nesse processo, as interdições e bloqueios, que fazem com que seja assimétrica e desigual a apropriação social do conhecimento, das ciências, das tecnologias.

Os educandos universitários precisam experimentar processos de valorização das expressões criativas e de encorajamento da autonomia para que seguidamente consigam interferir na realidade dos sujeitos utilizando o conhecimento apreendido com verdade e não somente como cumprimento de uma regra. Dessa forma, “só se aprende o que impregna os sentidos. A educação também não é neutra. Educar o educador é um dos grandes desafios para a universidade”. (SILVA, BRÊTAS, SANTANA; 2014).

Na universidade pública brasileira, a extensão passa por duas fases. Uma fase assistencialista e a outra não assistencialista. A primeira, se baseia em uma perspectiva vertical, onde a universidade se coloca para atender determinadas demandas e ajudar aqueles que precisam olhando por uma perspectiva de que o outro que precisa, por precisar, não tem o que oferecer. Na segunda, a extensão tem um papel de comunicar os saberes e se colocar nessa dialética com o objetivo de trocar com os sujeitos participantes e se desenvolver a partir da sua realidade e da realidade do outro, buscando a emancipação dos sujeitos e considerando a realidade posta. Segundo Gadotti (2017, p.2) é evidente que “na prática, duas vertentes de Extensão Universitária têm se confrontado: uma mais assistencialista e outra não assistencialista, ou, como também se costuma dizer, uma prática extensionistas e outra não extensionistas”.

Atualmente a direção política é de uma ação que rompa com o assistencialismo e possibilite a existência de um projeto emancipatório e uma produção de conhecimento científico que de respostas aos cidadãos da sociedade civil. Portanto, segundo Gadotti (2017, p. 2 apud OLIVEIRA NETO *et al*, orgs, 2015):

Nessas últimas décadas, o FORPROEX atuou fortemente para superar o perfil mais assistencialista da extensão. Experiências considerando as necessidades da sociedade surgiram em numerosas Instituições de Educação Superior (IES), criando alternativas concretas com base no diálogo Universidade-Sociedade, construindo consensos em busca da superação da tradição assistencialista e produzindo conhecimento acadêmico e científico de alto nível a favor dos cidadãos.

Em tempo que ainda não tivemos a superação da tradição assistencial da Extensão, recentemente chega o debate sobre curricularização da extensão que apresentaremos no próximo subitem.

I.I CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O debate da curricularização da extensão universitária tem sido pautado há alguns anos e não é uma discussão nova. No PNE (Plano Nacional de Educação) de 2001-2010 manifesta-se nas metas 21 e 23 a “obrigatoriedade de 10% dos créditos curriculares exigidos para a graduação, integralizados em ações extensionistas” (GADOTTI, 2017). Esses apontamentos surgem novamente no PNE de 2014-2023 na estratégia 7 da meta 12. A importância desse debate emergir e se tornar referência para as universidades públicas brasileiras é inegável, porém há necessidade de refletir sobre os modelos e os formatos de análise para que isso se torne palpável para todos os envolvidos. O observatório da PNE verificou que até 2015 não havia registro de atividades de extensão que recebiam créditos curriculares nos cursos superiores no país. As atividades de extensão eram inseridas no campo das *Atividades Complementares* (UNIFESP, 2017). As justificativas para cumprimento desse modelo é de tornar o discente participativo em sua formação e não somente um receptor do conhecimento acadêmico, criando um novo olhar sobre a prática docente e o comprometimento com o conhecimento gerado sem deixar à margem o compromisso com a transformação social. Importante ressaltar que o objetivo da curricularização existir é também de transformar a universidade pública, possibilitando a revisão da estrutura organizacional das instituições. Segundo o Plano Nacional de Extensão Universitária (2012, p. 27):

Assim, a institucionalização da Extensão Universitária, nos níveis constitucional e legal, tem sido acompanhada por iniciativas importantes de sua implantação e implementação. Mas é preciso ressaltar, tendo em vista os espaços em que ela ainda não foi normatizada ou ainda não é implementada, sua importância para a renovação da prática e métodos acadêmicos. Sem as ações extensionistas, como já salientado, corre-se o risco de repetição dos padrões conservadores e elitistas tradicionais, que reiteram a endógena, abrem espaço para a mera mercantilização das atividades acadêmicas e, assim, impedem o cumprimento da missão da Universidade Pública.

Dessa forma, podemos avaliar que curricularização da extensão não está desvinculado do projeto político de universidade pública que não é um projeto hegemônico, mas tenta resistir frente à crise da educação brasileira. Como ressaltam Santos (2014, p. 53-54);

A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no currículo e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.

A universidade sem abertura para a comunidade fica isolada e sem sentido, compreendendo que os sujeitos que a compõem são parte de uma vida social e chegam a essa lugar na perspectiva de ampliar suas possibilidades e suas condições objetivas. Nesse sentido, a extensão possibilita aos sujeitos uma elaboração e organização de seus conhecimentos adquiridos ao longo da jornada acadêmica, fortalecendo suas trajetórias e amparando a futura ação profissional que pode ou não seguir os horizontes de uma visão emancipatória para todos as pessoas envolvidas, tanto os discentes quanto às pessoas que serão afetadas cotidianamente pela ação profissional desses sujeitos, nesse sentido Gadotti (2017, p. 11) afirma que:

Existe, desde sempre, uma tensão entre concepções opostas de universidade e de currículo, uma realçando mais o caráter da universidade como prestadora de serviços ou de certificação para o trabalho e outra voltada mais para a educação como um bem público. A primeira voltada mais para o mercado e a segunda voltada mais para a cidadania. Pode-se dizer que temos duas visões de mundo opostas da universidade: uma visão mercantil e uma visão pública, uma visão “bancária” e uma visão problematizadora, emancipatória. A primeira realça apenas os aspectos da formação profissional e científica sem discutir aspectos significativos da atividade do profissional no mundo do trabalho e da cultura. A segunda busca associar essa formação para o mundo do trabalho com uma formação cidadã mais ampla, uma formação geral.

Além de não desqualificar os percursos e os saberes já estabelecidos e apreendidos por essas pessoas durante seus caminhos traçados antes da universidade e utilizar disso para desenvolver projetos que dialoguem com a comunidade. Não é somente as pessoas que são afetadas por essa experiência, mas também a própria universidade que abriga em seu seio toda a pluralidade existente na vida social e transforma e consequentemente também é transformada nesses processos.

II. SERVIÇO SOCIAL E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Para salientar o debate sobre extensão e Serviço Social, é necessário nos debruçarmos a respeito dos apontamentos existentes no projeto ético-político e seus direcionamentos para a atuação da categoria profissional. Também é válido lembrar que o projeto ético-político se materializa no formato que conhecemos hoje através da regulamentação da profissão (Lei 8662/93) que garante a existência do Código de Ética, assim como na Diretriz Curricular realizada no ano de 1996 pela entidade ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social). Os principais objetivos apontados no projeto ético-político do curso de Serviço Social são:

- Apresentar a autoimagem da profissão;
- Eleger os valores que a legitimam socialmente;
- Delimitar e priorizar suas funções;
- Formular os requisitos teórico-práticos para o seu exercício;
- Prescrever normas para o comportamento dos profissionais;
- Estabelecer os limites de suas relações com os usuários de seus serviços e com outras profissões e organizações/instituições sociais. (NETTO, 1995 apud BOSCHETTI, 2004).

A atuação profissional guiada por um projeto ético-político debatido entre a categoria e fortalecido pelas suas entidades coloca essa área de atuação em compromisso com a transformação da ordem social, além de compreender a liberdade como um valor ético da profissão, buscando a emancipação política e humana dos indivíduos tendo um olhar amplo para os sujeitos e compreendendo que eles/as são autônomos para encontrar alternativas diante da sua realidade concreta sem exploração e dominação de gênero, raça, classe (ABEPSS, 2004). Em outras palavras:

O projeto ético-político dos profissionais de Serviço Social tem como valor ético central a liberdade, entendida como possibilidade de escolha entre alternativas concretas. Ele também mantém compromisso com a autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais. E, busca uma nova ordem social, sem dominação e/ou exploração de classe, etnia e gênero. (ABEPSS, 2004, p. 6)

Quando vivemos experiências que nos possibilitam dialogar diretamente com a comunidade, conseguimos dar um salto em relação a elaboração dos saberes. O conhecimento por si, não transforma a realidade. O que favorece a transformação é o andamento da ação junto com a elaboração da teoria. Alguns/as autores/as do Serviço Social, discorrem sobre a importância de retomarmos esse segmento como uma possibilidade de construirmos força frente à crise do projeto hegemônico da profissão. Como aponta Iamamoto (2017, p. 34) como alternativa para superarmos este momento:

Um caminho que pode ser fértil para acumular forças políticas e forjar a resistência é o retorno ao trabalho de base, ou seja, ao trabalho de educação política, apoiando seus processos de organização, capacitação e educação política, decifrando suas expressões socioculturais.

A extensão articula o saber apreendido e oferece recursos que podem contribuir para a capacitação da ação profissional, através das experiências vivenciadas durante o trajeto acadêmico proporcionados pela organização prática das extensões fazendo com que a realidade concreta vivenciada pelas relações sociais se materializem através dessas experiências práticas, tirando o discente de uma posição de produção de conteúdo através somente do amparo da teoria. Portanto, essas experiências contribuem para que o movimento de transformação se concretize, pois a mediação realizada entre essa troca pode proporcionar mudanças de cunho político, social e cultural dessa sociedade. Como afirmam as autoras Silva e Quimelli (2006, p. 293):

Contudo, vemos que o curso de Serviço Social acredita na extensão universitária porque ela tem: favorecido na capacitação do acadêmico para o agir profissional; colocado os alunos em contato com a realidade social, levado conhecimento e propiciado mudanças políticas, culturais e sociais da comunidade; leva a práxis, auxilia na aplicação clara e objetiva dos conhecimentos obtidos em sala; abre espaço para a vivência da intersectorialidade/interdisciplinaridade; bem como, oportuniza o desenvolvimento de novas habilidades e o aprofundamento dos conhecimentos teóricos em uma determinada área de atuação profissional.

O campus Saúde e Sociedade, localizado na cidade de Santos, tem como proposta um projeto interdisciplinar que visa ofertar aos estudantes de todos os cursos uma graduação que percebam os sujeitos na sua totalidade, compreendendo a sua integralidade e entendendo as construções sociais, visando sua existência plural constituída por determinado território e principalmente por uma cultura que é intrínseca a construção das subjetividades e identidades, como aponta o Plano de Desenvolvimento Institucional (2016) do campus Saúde e Sociedade:

Assume-se que a ênfase interdisciplinar favorece o redimensionamento das relações entre diferentes conteúdos, contribuindo para que a fragmentação dos conhecimentos possa ser superada. Integrar também implica pensar em novas interações no trabalho em equipe multiprofissional, configurando trocas de experiências e saberes numa postura de respeito à diversidade, cooperação para efetivar práticas transformadoras, parcerias na construção de projetos e exercício permanente do diálogo.

Essa proposta se torna uma alavanca para nossa futura atuação, mas somente os eixos comuns que nos possibilitam ter trocas com estudantes de outros cursos não bastam, pois a interdisciplinaridade precisa ser além de teorizada, necessita ser praticada e essa prática precisa ser constantemente uma busca pela integração dos conhecimentos de diferentes áreas para que a fragmentação do saber não ocorra, ou se torne preponderante. Nossos momentos práticos proporcionados pelos eixos Trabalho em Saúde e Inserção Social não possibilitam uma continuidade, o que seria de suma importância para a compreensão absoluta do que realmente é uma proposta

interdisciplinar. Dessa forma, os espaços de extensão abertos para todos os cursos contribuem para uma compreensão mais profunda em relação a importância desse tipo de abordagem e ação.

O Projeto Político Pedagógico do curso de Serviço Social do campus Baixada Santista aponta sobre a importância da compreensão dos discentes no processo formativo sobre o movimento de produção/reprodução da vida social e das expressões da questão social. Para além disso, possibilitar uma apreensão a respeito dos procedimentos operativos da profissão na função de amparar a atuação profissional e fazer com que a atuação seja didática e propositiva para a dinâmica da vida social. Também, como aponta o Projeto Político Pedagógico do Curso de Serviço Social (2016, p. 35), é importante enfatizar que:

A perspectiva reflexiva, crítica, dialógica e propositiva estão presentes nas metodologias utilizadas na relação docentes e estudantes, nos diversos espaços e nas atividades pedagógicas ao longo do processo formativo, desenvolvidas de forma diversificada, tanto nos espaços da universidade como em experiências de inserção acadêmica e profissional na realidade regional, tais como: aulas, oficinas, seminários temáticos, supervisão acadêmica, estágio, atividades de extensão, pesquisa, monitoria, participação em congressos, eventos e atividades culturais. O processo de ensino-aprendizagem implica na introdução e uso das tecnologias de informação e comunicação.

Compreendemos que há uma direção política pedagógica de incentivo à vivências extracurriculares, mas há de fato uma falta de incentivo prático no cotidiano da universidade visando a valorização de experiências conectadas com pesquisa e extensão. Há uma cobrança no processo de ensino e uma dedicação a esse processo que contribui para o nosso crescimento intelectual crítico, mas com defasagens no sentido de trazer bagagens e experiências práticas para dentro da sala de aula. Participar de um projeto de extensão por quatro anos me mostrou que muito do que é visto nas teorias apresentadas se manifesta na realidade concreta de formas diferentes.

Há um baixo investimento no provimento de projetos de extensão que partam do próprio curso de Serviço Social. Atualmente, usando como base as extensões cadastradas no site da PROEC (Pró-Reitoria de Extensão), temos o Programa de Educação Tutorial de Educação Popular, coordenado por uma docente do curso. Algumas extensões que foram por muitos anos ativas realizando trabalhos extremamente importantes para o diálogo entre universidade e comunidade, se encontram no momento desativadas. Durante a realização dessa pesquisa, busquei por informações sobre outros projetos de extensão vinculados ao curso, solicitei por e-mail uma atualização das docentes sobre seus projetos inscritos na PROEC, mas não obtive nenhuma resposta. Diante dessa realidade, precisamos pensar estratégias para que outros projetos surjam e para que os estudantes também se sintam desafiados a participarem e proporem projetos que estejam vinculados ao curso de Serviço Social.

III. METODOLOGIA

A pesquisa teve caráter exploratório com abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2014, p. 57), o método qualitativo:

Se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

A abordagem qualitativa não se prende à quantificação, mas sim em explicar as relações humanas como já citadas e, ainda, “[o] universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e reinterpretadas pelos sujeitos que as vivenciam” Minayo (2014, p. 24). Para Assis et al. (2014, p. 2), a pesquisa com abordagem qualitativa é:

Pesquisa é um processo infinito, contextualizado e influenciado pelas transformações socioeconômicas e culturais; portanto, não se isenta de interesses, preconceitos e incursões subjetivas. Conclui que o homem sempre se questionou e buscou compreender a realidade, por meio da religião, da filosofia, da arte e da ciência como instrumentos dessa procura.

As autoras (2014) compreendem que a pesquisa qualitativa faz a análise das expressões humanas presentes nas relações, nos sujeitos e nas representações e assegura que nenhuma teoria é neutra e/ou detém o monopólio da compreensão da totalidade.

A escolha por essa abordagem ocorreu porque a pesquisa trata de um tema polêmico e ela oferece uma gama de interpretações por parte do pesquisador através das conversas, interação e expressões trazidas pelos entrevistados. Nesse sentido, optou-se pela técnica de entrevista que, segundo Minayo (2014, p. 261),

[...] é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objeto.

A autora (2014, p. 169) considera que a entrevista “constitui uma técnica amplamente utilizada na investigação social e que se trata de uma interação singular entre pesquisador e interlocutor”.

No que se refere a essa modalidade, utilizamos as entrevistas em profundidade com base em um roteiro junto a nove estudantes e formados no curso de Serviço Social que participaram ou ainda participam da extensão universitária *Juventudes e Funk na BS: Território, Rede, Saúde e Educação*.

Para Minayo (2014, p. 262), a entrevista em profundidade “é aquela em que o entrevistado é convidado a falar livremente sobre um tema ou as perguntas do entrevistador, quando são feitas, buscam dar mais profundidades às reflexões”.

Já a entrevista semiestruturada “é uma combinação de perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2014 p. 261).

Entende-se por roteiro uma lista de temas que desdobram os indicadores qualitativos de uma investigação e que também deve apresentar-se uma simplicidade de alguns tópicos que guiam a entrevista de forma coerente, sendo capaz de propiciar uma relação de confiança entre entrevistado e entrevistador.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Posteriormente, buscou-se extrair palavras ou significados marcantes para os/as estudantes do serviço social e assistentes sociais já formados. Dos/as nove entrevistados/as, seis ocorreram em espaços da universidade e três por ligações telefônicas e chamadas de vídeo. Três dos/as entrevistados/as não residem mais na cidade de Santos, por isso a escolha de realizar as entrevistas por outros meios além de presenciais, fazendo com que se tornasse possível a participação deles/as.

Para a construção das entrevistas foi elaborado Termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice I) que foram lidos, discutidos e assinados pelos participantes antes da realização destas. Esclarecida também a possibilidade do direito à desistência em qualquer fase da pesquisa e da garantia do sigilo. Para os participantes das entrevistas foram utilizados as iniciais de cada nome.

Para tornar mais materializado o objeto da pesquisa, utilizamos da metodologia de entrevistas semiestruturadas e em profundidade para elaborar os resultados e apresentar pontos importantes sobre esses debates baseados nas experiências de atuais extensionistas e de estudantes que passaram pela extensão ‘Juventudes e Funk’. Foi feito um levantamento de todos/as os/as estudantes que participaram do projeto de extensão desde o ano de 2015. Segundo esse levantamento, onze estudantes de Serviço Social passaram ou ainda fazem parte da equipe de extensão. Desses onze, nove responderam a solicitação das entrevistas e concordaram em colaborar com esse projeto.

O formulário de entrevista contém quatro perguntas que centralizam as experiências vividas. A primeira questiona sobre as lembranças marcantes vividas durante o processo. A segunda foca na análise dessas experiências. A terceira sobre pontos específicos para a formação em Serviço Social que a extensão tenha colaborado. E a última foca no processo da curricularização da extensão e em sugestões para a mesma.

Dos dez entrevistados, sete são graduandos do curso, sendo três desses que ainda participam do projeto de extensão, quatro que não participam mais e três que concluíram a graduação. Desses quatro, todos/as participam durante o período de um ano. Dos três que ainda estão no projeto, tem uma média de três anos de participação. Dos que se graduaram, um deles participou da transição do

antigo projeto para o que temos hoje, completando um ano de projeto nesse novo modelo que ocorre desde 2015. Os/as outros/as dos/as estudantes também participaram durante um ano.

Para apresentar a análise baseada nas falas orais das entrevistas, gostaria de categorizar alguns pontos para melhor compreensão do/a leitor/a. Compreende-se que dessa forma conseguiremos apresentar com um olhar mais amplo a respeito do que foi dito durante o processo das entrevistas e pontuar pontos específicos sobre o processo na sua totalidade. Durante as entrevistas ficou evidente seis categorias principais que poderíamos analisar nesse trabalho e que são eixos trabalhados no projeto de extensão. Essas categorias são: impacto na formação, trabalho com grupos, curricularização, relações raciais, relações de gênero e aproximação com temáticas. Nesse trabalho, iremos abordar somente as três primeiras categorias citadas a cima.

IV. IMPACTO NA FORMAÇÃO

[...] Então assim, eu acho que no fundo eu já estava ensaiando o meu exercício profissional dentro da extensão. (Excerto da entrevista com T., 2018, p. 1)

Quase todos os relatos ressaltaram a importância para o processo de formação de forma enfática. Gostaria de ressaltar alguns elementos dessas falas através de recortes das entrevistas.

A estudante P. que participou durante um ano do processo de extensão ressalta que:

Muito positivo porque me fez trabalhar muito mais a escuta e o conhecimento de outras realidades e outras vivências, então me proporcionou muita reflexão durante... não só durante o período, mas que perpetua até hoje e que com certeza quando eu me formar e começar a atuar na área vai ser muito significativo porque foi um processo que... foi uma das maiores partes que me fez o que sou hoje, de conseguir escutar e conseguir refletir e ver a realidade do outro. (Excerto da entrevista com P., 2018, p. 1-2)

A estudante P. traz uma concepção de escuta ampliada que vimos e estudamos ao longo da graduação, mas que tem dificuldade em se materializar em uma proposta mais concreta de prática durante o percurso da graduação. A extensão consegue trazer para a realidade e tornar a escuta uma ferramenta do trabalho profissional que pode contribuir não só na relação usuário-profissional, mas também no profissional-profissional em futuros campos de trabalho que possivelmente irão exigir a compreensão do trabalho interdisciplinar. Tivemos poucos momentos proporcionados para garantir um bom desenvolvimento da escuta, mesmo isso sendo ressaltado o tempo todo pelas discentes do curso como um ponto importante da nossa atuação.

Seguindo esse eixo de análise, também foi ressaltado pelo entrevistado T. que a extensão ‘Juventudes e Funk’ foi o ponto forte da sua graduação, ressaltando:

Eu acho que a gente enquanto assistente social, independente da política que a gente esteja inserido e qual a população que a gente atende, sempre vai ter jovens envolvidos, mesmo que seja com idosos, política de drogas, você vai trabalhar com adolescentes e juventudes. Então assim, os temas que foram trabalhados no juventudes e funk né... fazem parte do nosso cotidiano de trabalho, então eu queria dizer que de alguma forma, eu já disse isso antes, o Juventudes e Funk o projeto me serviu muito como instrumentalidade para pensar a dimensão técnica-operativa do serviço social, eu acho que na graduação da UNIFESP a gente tem muito a formação política e ética, mas falha um pouco nessa questão da dimensão técnica-operativa e eu acho que no juventudes e funk tinha um direcionamento ético, político, além de uma reflexão do estudo acadêmico que a gente punha em prática tudo aquilo que a gente pensava, o conceito de prática, o conceito ali com a realidade com os jovens e com os adolescentes, então eu acho que gerou muita práxis de pensar a ação, praticar a ação e repensar a ação[...] (Excerto da entrevista com T., 2018, p. 1-2)

Segue dizendo sobre sua experiência profissional atual e o impacto das experiências de extensão para o seu agir profissional, dizendo:

[...]Então eu acho que foi fundamental para mim enquanto assistente social foi fundamental, então eu terminei a graduação, fiz residência, na residência eu exerci um trabalho parecido com o que eu fazia no juventudes e funk com a população de álcool e drogas, estou agora no CAPS Infantil do centro de SP e a gente tem uma população muito grande de jovens e de jovens que consomem o funk e vive o funk muito forte e foi muito importante pra mim como instrumento de trabalho, como atuação de trabalho em todos os sentidos. (Excerto da entrevista com T., 2018, p. 2)

O Assistente Social T. traz um relato importante sobre a reflexão proposta neste trabalho. Compreender que a nossa graduação nos fortalece enquanto sujeitos críticos e reflexivos, preparados para sistematizar os processos vivenciados do cotidiano, porém nos falta bases técnico-operativas para encarar os serviços que nos esperam enquanto assistentes sociais. Alguns teóricos ressaltam que esse movimento é parte do processo histórico da profissão que em determinado momento quis e precisou romper com o tecnicismo imposto a nossa categoria no seu começo, ainda vinculada a ações assistencialistas da igreja e que dão um salto para o fortalecimento somente da execução técnica. Como aponta as autoras, Santos, Backx e Guerra (2012, p.11):

Ao longo do tempo, têm sido observados equívocos no tratamento da dimensão técnicooperativa, tanto no que tange à formação quanto no que tange ao exercício profissional. Um rápido olhar sobre a historiografia da profissão mostra que, na década de 1970, delegava-se a essa dimensão a responsabilidade exclusiva pela competência profissional, em especial, aos instrumentos e técnicas; já na década de 1980, ela passa a um segundo plano, atribuindo-se apenas ao conhecimento teórico a responsabilidade pela competência profissional.

Dessa forma, rompemos com esse modelo somente tecnicista e ficamos com uma formação extremamente crítica sem conseguirmos equilibrar os processos das ações técnicas-operativas. Em contradição, sabemos que a nossa formação crítica nos dá base profissional para uma ação profissional qualificada, aberta ao diálogo e a apreensão de processos que por algum momento nos faltou. Como mostra o assistente social T. em um movimento dialético que compreende algumas defasagens, mas também apontar fatores importantes da formação dizendo:

[...]O que eu queria dizer é que para mim a extensão juventudes e funk, as extensões no geral, sobretudo juventudes e funk foram o ponto alto da minha formação, eu acho que é muito importante que na graduação em serviço social da UNIFESP a gente ter esse olhar político, ético, essa dimensão teórica, acho isso extremamente importante e na medida que você vai pro campo de trabalho você lida com colegas de profissão e você vê uma defasagem nesse sentido mesmo teórico, político e a gente percebe sim essa defasagem, então assim eu sou muito grato por isso pela UNIFESP, mas muitas vezes eu percebo que a experiência que eu tive na extensão me serviu de baliza para eu poder mais seguramente fazer uma ação profissional. (Excerto da entrevista com T., 2018, p. 2)

A extensionista B. também relatou sobre a importância dessa experiência para sua formação e especificou na sua reflexão que essa vivência da extensão colaborou para a ampliação do olhar socioeducativo no Serviço Social, ressaltando que:

Eu acredito que as experiências da extensão me proporcionaram uma outra visão da parte socioeducativa da minha formação que o meu curso em si não me proporcionou esse caráter socioeducativo, então eu acho que eu me formo enquanto profissional preparada para essas experiências na minha atuação a partir das experiências da extensão, com certeza. No sentido também de entender que as pessoas que eu vou estar atendendo e acompanhando nada nunca é estático, então também sempre me permiti me adaptar durante as experiências da extensão, das oficinas e entender que nem sempre as respostas vão estar dadas, elas estão sempre sendo construídas e isso a extensão com certeza me proporcionou bastante nesse sentido e que a graduação talvez tenha deixado alguns buracos, então acho que nesse sentido as experiências de extensão me proporcionaram um super ganho na minha formação profissional. (Excerto da entrevista com B., 2018, p. 2)

Essa reflexão da estudante B. nos traz uma análise sobre os processos vividos dentro da graduação. Sabemos e aprendemos que enquanto assistentes sociais, jamais poderemos deixar de responder às demandas que irão surgir no nosso cotidiano. Mas, muitas vezes é deixado de lado essa análise de que as respostas precisam também ser construídas com os/as usuários e que esse é um processo contínuo e dialético. Mais do que dar respostas, precisamos compreender que as respostas estão sempre sendo construídas, por isso a importância da experiência com grupos, na criação dos vínculos e no diálogo sincero e permanente com as pessoas que participam da nossa ação profissional. (FREIRE, 1997).

Também sobre o processo socioeducativo, a assistente social N. relata que:

A extensão ela me fez ter um outro olhar para a educação dentro da prática do Serviço Social. A importância de um trabalho sócio educativo na prática né. Hoje em dia eu não consigo desassociar o trabalho do serviço social da educação. E quando eu falo educação eu não quero dizer uma educação escolarizada, institucionalizada, bancária, eu falo educação no sentido mais amplo mesmo né, porque a gente se educa na troca com o outro a todo momento, então não consigo desassociar isso e acho que isso vem muito da extensão também né, das experiências que a gente teve e do que eu consegui fazer. Hoje em dia eu to fazendo a pós lá na FAPS sobre Trabalho Social com Famílias e o grupo né de alunos composto por mulheres que trabalham em diferentes serviços de SP e tem muitas pessoas que trabalham em Serviço de Acolhimento de Crianças e Adolescentes e eu fico pensando que o trabalho que poderia ser feito nesse espaço seria muito próximo do trabalho que a gente fazia na extensão, por exemplo, então eu fico refletindo sobre várias coisas e eu acho que é um pouco isso. (Excerto da entrevista com N., 2018, p. 2)

Essa reflexão sobre Serviço Social e educação são importantes para pensarmos a nossa inserção nesse campo e como ela se dá. Compreendendo que o campo da educação é um campo pouco explorado pela categoria e sem leis que garantem a existências dos/as assistentes sociais nessa política, como por exemplo em escolas, mesmo que a categoria já faça um movimento de reivindicar, através da sua entidade representativa CFESS (Conselho Federal de Serviço Social), desde o ano de 2008 com um projeto de lei PL 3688/2000 que dispõe a inserção dos profissionais do serviço social e psicologia nas escolas. Esse projeto foi aprovado pela instância CCJC (Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania) em Julho de 2015 e aguarda a votação pelo Senado. Sendo assim, há necessidade do debate sobre educação de forma mais ampla, compreendendo a educação

como uma política pública que o assistente social não só pode, mas deve identificar como parte de uma rede de proteção social. Como aponta Carvalho (2011, p. 8):

Assim, a articulação entre a política de Educação e Assistência Social, dentre outras políticas públicas, poderá se constituir como uma importante intervenção para a proteção social, prevenção a situações de violação de direitos da criança e do adolescente, e, também, para melhoria do desempenho escolar e da permanência na escola, principalmente em territórios mais vulneráveis.

Dando sequência aos relatos sobre o impacto na formação, a estudante K. atual extensionista do projeto de extensão, aborda um fator sobre o olhar que desenvolvemos em relação a essa categoria de jovens. Aponta na sua fala a seguinte reflexão:

Eu acho que específico em Serviço Social é a maneira de como tratar o jovem. Eu acho que o Serviço Social ainda traz muito resquício daquela coisa... como que eu vou dizer... sem ser tão agressiva... mas daquela coisa de ver o jovem como problema, sabe? E a extensão me mostrou que o jovem não é um problema e ele tem potencialidades e isso para mim é... para a atuação é muito diferente do viés que o Serviço Social coloca. (Excerto da entrevista com K., 2018, p. 1)

Olhando para a matriz curricular, não há uma *Unidade Curricular* que aborde essa temática de forma ampla e plural. Debates essa categoria em muitos momentos durante a graduação, mas de forma geral e muitas vezes generalista. Também debatemos por uma perspectiva onde esses sujeitos se encontram como atores sociais das expressões da questão social. No debate sobre acolhimento institucional, jovens infratores, jovens grávidos, genocídio da população jovem, evasão escolar, etc. Esses debates são complexos e extremamente relevantes para a construção profissional, porém não há um ponto de partida que reflita sobre as suas subjetividades, ações, manifestações. A respeito disso, Thompson (2005, p. 152) nos diz que:

A visibilidade juvenil surge facilmente no aspecto negativo, e se dá importância aos jovens em virtude de problemas que se procura corrigir, como sua sexualidade, o vício às drogas, a delinquência, a chamada evasão escolar. A visibilidade é importante, pois faz parte das representações sociais da juventude que orientam sua inclusão, omissão ou exclusão das ações públicas.

Como citado anteriormente, compreende-se que as expressões da questão social também podem ser compreendidos como movimentos de resistência contra hegemônicos, logo poderíamos olhar mais profundamente para esses atores atuando dentro de movimentos importantes dentro de seus territórios, ou até mesmo nas instituições escolares, por exemplo, sendo agentes de ação em movimentos religiosos, movimentos culturais como funk, rap e grafite, mas também como se manifestam dentro desses espaços onde o Estado os negligência, juntamente das suas famílias, levando a consequências que tem o seu fim a questão social. Nesse sentido, Thompson (2015, p. 127) também afirma que:

Como sabemos, jovens com histórias ligadas à criminalidade não só se tornaram público-alvo (nos bairros, nas prisões, em espaços onde cumprem medidas socioeducativas) de políticas públicas para a juventude como também, por vezes, tornam-se eles mesmos agentes e protagonistas de novas organizações juvenis voltadas para o combate à violência policial e, como eles dizem, “para tirar os jovens do tráfico”.

Para além desse olhar mais amplo para categoria juventudes, também foi apresentado por um dos entrevistados a importância de ter entrado em contato com o debate dos marcadores sociais da diferença. Na sua fala o estudante G. que participou durante um ano do projeto de extensão destaca que:

A extensão trouxe o primeiro passo para eu perceber algumas inquietações que não são trazidas no meu curso de Serviço Social. A gente entra aqui em um estilo teórico, marxista e histórico dialético e a questão da diversidade e do racismo a gente ouve é... em formação sócio histórica, assim... muito raso e a aproximação com a extensão me fez despertar até em trabalho de pesquisa da minha formação de entender o que é a questão do racismo e da diversidade sexual e formação teórica para mim de como eu vou é... me atentar às questões que são trazidas no meu cotidiano profissional daqui pra frente né, eu acho que essa aproximação com a extensão e os objetivos propostos por ela tem um papel muito importante para a formação e que as pessoas deveriam passar por esse momento né, dialogar, tentar compreender o mínimo que fosse sobre determinados assuntos que permeiam nossa sociedade daí sim é muito rico as discussões, você vê diversas perspectivas é imaturo para um diálogo sobre racismo e daí vem um monte de questões, ou se não for racismo, a questão da diversidade sexual e isso faz com que a gente fique inquieto com a forma como a gente vai lidar com as outras coisas a partir disso né, quando a gente sai e a gente está no nosso campo de estágio, ou com as nossas relações de amizade, familiares e enfim... até dentro da academia né. Como a gente vai enfrentar as questão de opressão porque se talvez eu não tivesse tido diálogo com essas questões que eu acabei de falar eu não sei qual seria meu posicionamento agora diante de algumas questões que acontecem na academia, na sociedade e enfim... essas coisas. (Excerto da entrevista com G., 2018, p. 1)

O estudante G. compreende a relevância de ter entrado em contato com as temáticas propostas pela extensão e aponta algo sobre “como fazer”, pois durante a graduação nos colocamos cotidianamente a pensar à respeito das minorias e criar formas de lidar e romper com esses processos através de propostas de reflexão coletiva, nos estágios, serviços e etc. Porém, o estudante ressalta algo que é como de fato tornar isso uma realidade da ação profissional. Como aprender a fazer esse tipo de diálogo e isso, assim como a maioria das intervenções, só aprendemos como fazer diante de uma prática e durante o trajeto da graduação a extensão pode dar muito suporte para uma apreensão desse processo de forma mais completa e também de forma coletiva.

V. TRABALHO COM GRUPOS

“A gente trabalha grupos desde sempre, desde o início, no estágio sempre que precisei trabalhar com grupos isso nunca me assustou, não tive dificuldade e isso com certeza foi por conta da extensão.” (Excerto da entrevista com B., 2018, p. 4)

Gostaria de destacar um ponto que surgiu em algumas falas com os/as entrevistados/as sobre a contribuição da extensão para trabalhar com grupos. Sabemos que o trabalho com grupos é primordial para a ação profissional do assistente social e pode ser uma ferramenta muito potente da nossa atuação. Como aponta Laboratti e Costa (2016, p. 129):

O trabalho com grupos é uma necessidade muito comum no cotidiano do assistente social, expresso em diversas situações de conflitos ou de organização de pessoas. A necessidade de organizar pessoas através do trabalho com grupos exige do profissional reflexão e planejamento, ressignificando os instrumentais no contexto das relações sociais na atualidade.

Nesse sentido, a extensionista B. diz que:

Eu acho que quando a gente vem debater agora no último termo, grupos. Como o assistente social trabalha com grupos, coisa que as pessoas da sala muitas vezes é... foi uma demanda da sala, “a gente nunca trabalhou grupos”, a gente trabalha grupos desde sempre, desde o início, no estágio sempre que precisei trabalhar com grupos isso nunca me assustou, não tive dificuldade e isso com certeza foi por conta da extensão. (Excerto da entrevista com B., 2018, p. 4)

De fato, trabalhamos grupos no último ano da graduação recebendo uma base essencial para nossa futura atuação. Dessa forma, a extensão consegue colaborar com um maior amadurecimento da ação em si. O nosso trabalho é sempre relacionado a mediação de grupos, às vezes pequenos, mas na maioria das vezes com uma média de trinta estudantes por sala. Sendo assim, além de nos prepararmos e entrarmos em contato com uma dinâmica de grupos, podemos utilizar de outras ferramentas citadas neste trabalho e também enfatizadas nas falas dos/as entrevistados/as em relação a escuta, construção de diálogo e conhecimento. Portanto, o trabalho com grupos não é isolado, é um aglomerado de ferramentas que vamos nos apropriando que se apresentam por fim como um resultado completo e recheado para ação. O assistente social D. também deixou reflexões em relação ao ganho de trabalhar com grupos durante o trabalho da extensão, apontando que:

O que a extensão me proporcionou de bom foi essa questão de grupo né... de usar a roda de conversa, disparadores que até então eu não tinha muito contato, a gente tem em serviço social, mas não tinha tanto e ali na extensão eu tava mais em contato e eu tava mais participativo nessas questões, então entendo que onde eu estava (trabalhando) eu usava muito dessas rodas de conversa, procurar disparadores para determinados assuntos, então acho que isso me agregou muito. Me agregou nessa ferramenta, de utilizar dessa ferramenta para o meu trabalho, para minha ação profissional... então eu acho que esse foi

um dos pontos positivos que a extensão me agregou. (Excerto da entrevista com D., 2018, p. 1)

Além de apontar sobre o impacto dessa experiência com o trabalho de grupos, também disse a respeito disso um pouco mais aprofundado no tema alguns mecanismo que precisamos desenvolver paralelamente ao trabalho em grupos, como por exemplo, destacando em sua fala a importância do planejamento e também sobre os ganhos em relação ao trabalho interdisciplinar:

A questão de analisar e planejar, planejamento foi fundamental porque a gente tinha as reuniões na extensão, então sentar e planejar, fazer um roteiro das ações e eu acho muito bacana e eu peguei muito da extensão e como eu falei de usar rodas de conversas como mecanismo para minha atuação e procurar disparadores para determinados assuntos e pros usuários entrassem em contato comigo e eu conseguisse fazer uma aproximação e criar vínculos, acho que a roda de conversa é essencial para criação de vínculos... então acho que muito disso né, então de planejar, executar e elaborar antes... eu tive muito da extensão, principalmente essas questões vínculo, de criar o vínculo e a extensão me agregou muito isso, sempre digo que foi um reforço nessa questão porque eu sentia muita falta disso na formação e na extensão eu tinha essa liberdade de planejar e pensar junto com uma equipe e com outros profissionais de outras áreas de outras pessoas que estavam se profissionalizando então eu achei muito bacana e foi muito fundamental... então eu acho que a facilidade que eu tenho hoje de contato com outros profissionais veio muito da extensão, dessa experiência que eu tive na extensão. (Excerto da entrevista com D., 2018, p. 2)

Sabemos da importância de uma atuação que tenha como premissa a emancipação dos sujeitos e na realidade concreta isso deve acontecer visando o protagonismo dos/as sujeitos em relação às suas trajetórias de vida (LABORATTI e COSTA, 2016, p. 130). Partindo dessa perspectiva, precisamos acreditar no potencial desses/as sujeitos e compreender que sua participação não é somente uma participação de receptor do conhecimento desenvolvido nesses trabalhos, e sim como agentes potentes preparados e capazes de refletir sobre suas próprias histórias e dessa forma compreender que sua história compõem a história da sociedade, logo, sua existência é inscrita a partir da vida em sociedade e da trajetória dos/as outros sujeitos sociais.

VI. CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO - ESTUDANTE, EXTENSÃO E UNIVERSIDADE

“Eu acho que deveria ter como requisito para a formação a extensão e o trabalho com o campo e com a população. O conceito e a teoria irem de encontro com a população e eu acho que esse é o desafio”. (Excerto da entrevista com T., 2018, p. 3)

Como discutimos acima neste trabalho, apontamos para a necessidade da compreensão sobre a curricularização dentro da comunidade acadêmica. A última a surgir do tripé que rege a universidade, ensino-pesquisa-extensão, necessita de um olhar mais aprofundado dentro das instituições de ensino. A extensão consegue, através de uma curricularização organizada e com horizontes, dar um suporte para as formações dentro da academia. Os/as estudantes entrevistados/as apontaram para algumas questões que colaboram para essa reflexão e para a compreensão de como a extensão é abordada, discutida, refletida, dentro do campus da UNIFESP Baixada Santista.

A estudante J. traz para nós uma reflexão em relação à aprofundamento e aproximação de temas que podem ser realizados através de trabalhos de extensão, contribuindo para um direcionamento da formação do/a estudante. J. deixa sua contribuição dizendo que:

Eu acho importante, porque... primeiro que é uma abertura maior para a gente ver outras coisas, tanto da área da saúde como da área da educação e você ganha muito com a extensão. É bom para você ter uma experiência, por exemplo, eu gostaria de trabalhar na saúde, então vou procurar uma extensão na saúde para eu ter um contato maior e ver se é realmente o que eu quero e para o aprendizado né, porque a gente aprende muito com as extensões e com as outras atividades que fazemos fora da aula. (Excerto da entrevista com J., 2018, p. 2)

Através desse relato, podemos ampliar nossos olhares a partir de uma perspectiva de oferta das extensões dentro da universidade e o quanto isso pode direcionar a ação profissional desses/as futuros/as profissionais.

Para além desse apontamento, também há uma realidade da extensão que possibilita os/as participantes a entrarem em contato com temas que muitas vezes a graduação através das Unidades Curriculares não conseguem abarcar. Sobre isso, o estudante G. aponta a respeito dizendo:

Então eu acho que sim, deveria ser uma questão não só de ser algo que eu busque se eu tiver interesse, mas que seja “obrigatório para nossa formação” e nisso né, nessa perspectiva de ampliação das discussões sobre determinados assuntos que permeiam além da minha futura profissão, as outras profissões também. (Excerto da entrevista com G., 2018, p. 3)

Pensarmos a curricularização da extensão como um processo de ampliação da teoria e prática é de fato uma realidade para a universidade. Porém, dentro do campus essa discussão não chega até os discentes. Muitos desconhecem o que é a extensão e muitos, diria que a maioria, não obteve

nenhuma informação/consulta a respeito da curricularização. Esses debates ficam nas instâncias institucionais, mesmo que vá transformar o processo de graduação de todos/as os/as estudantes do campus. Sobre isso, a estudante B. aponta algo importantíssimo, principalmente para o Serviço Social, único curso de graduação que também existe no período noturno. Segundo a estudante B.:

Então, acho importantíssimo a curricularização, mas eu acho que ela precisa ser muito bem pensada e entendida, por exemplo, para essa população de estudante trabalhador e que não tem essa possibilidade e entender também para quem é essa universidade, para quem é esse tripé em ensino, pesquisa e extensão? De quem que a gente tá falando, né? Porque eu consegui fazer inúmeras coisas dentro da graduação... a extensão, iniciação científica, sabe... muitas possibilidades, mas dentro dos meus privilégios, então de quem a gente tá falando quando a gente fala de curricularização? (Excerto da entrevista com B., 2018, p. 4)

Esse é um importante apontamento realizado pela estudante e também uma discussão que sempre paira o grupo de extensão ‘Juventudes e Funk’, uma vez que ao longo dos anos temos mantido as reuniões todas as segundas-feiras às 17.30 – 19hs. Coletivamente temos avaliado que as reuniões ficam fragilizadas frente às demandas do grupo num curto espaço de tempo, porém é ainda a única solução para acolher as demandas dos alunos do serviço social que estudam no período vespertino dizendo que todos os cursos tem a segunda feira a tarde livre para as reuniões e ações dos projetos de extensões. Pois, sabemos das dificuldades dos/as estudantes que trabalham durante o dia e estudam na parte da noite. Esses/as estudantes vivem inclusive outra experiência de graduação. A universidade não consegue dar suporte para a permanência desses/as estudantes para que os/as mesmos/as não precisem trabalhar e estudar. Logo, é preciso dar um passo atrás e debater esses apontamentos feitos pela estudante B. É preciso debater com toda a comunidade acadêmica a respeito, sobretudo com os estudantes que são os agentes das ações de extensão. Seguindo sua reflexão, a estudante B. apontou em relação a sugestões que acha importante:

Quando a pergunta é quais sugestões eu daria... a sugestão seria pensar em possibilidades porque a extensão não consegue agregar esse perfil de estudante, por exemplo, entender o período dos finais de semana... pensar também esse espaço para uma parte não privilegiada que tá na universidade. (Excerto da entrevista com B., 2018, p. 4)

Para além dessa problemática apontada em relação ao acesso, também encontramos em algumas falas durante a entrevista uma questão em relação a divulgação das extensões e a compreensão sobre a mesma. Há uma crítica em relação a como esses projetos são divulgados dentro da universidade para os estudantes e também com a falta de conexão entre o processo de ensino e extensão, ou também de incentivo. A estudante P. diz que:

Eu sinto que é muito pouco divulgada e eu sinto que os docentes principalmente não falam sobre isso porque eu só conheci a extensão porque as minhas amigas estavam e falaram... e eu acho que falta um próprio incentivo da universidade para os alunos e para os docentes participarem das extensões de um modo geral. (Excerto da entrevista com P., 2018, p. 2)

A estudante M. também falou sobre esse processo dizendo que:

Quando eu entrei na universidade eu não tinha acesso ao que era uma extensão e acho que não... tem muita gente que eu encontro que não sabe o que é, então acho muito importante ter uma coisa de início, você é calouro na faculdade e você vai entender o que é e durante o curso ter coisas explicando o que é não só na faculdade como um todo, mas também nos cursos... eu passei um tempo ouvindo as pessoas dizendo “nossa, a minha extensão” e eu nem sabia o que era e não tinha noção do que era até entrar no Juventudes e Funk que foi por amigos e não foi por incentivo da faculdade, foi porque eu conhecia as pessoas que faziam. . (Excerto da entrevista com M., 2018, p. 2)

Essa repetição nas falas em relação a não divulgação e compreensão do que é a extensão universitária, nos mostra uma falha tanto no processo interno institucional, quanto dentro do próprio curso. De fato, somos poucos/as estimulados/as a conhecer, participar, compreender o que está ocorrendo em relação aos projetos de extensão. Como já citado nesse texto, também há falta de estímulo em relação a trazer para a sala de aula as bagagens adquiridas nas experiências de extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho realizados, foi exposto que as ações extensionistas valorizam não somente a compreensão, a leitura para a realidade concreta dos sujeitos afetados pelas ações de extensão, mas também colabora com o processo de valorização da expressão criativa, o desenvolvimento da autonomia e o exercício da cidadania de todos/as participantes desse processo. O que se inicia nas esferas internas pelos grupos de extensionistas e que depois se estende para a comunidade. Não há formas de trabalhar a autonomia dos sujeitos, participação ativa e a busca pelo exercício da cidadania se quem está à frente dessa práxis também não esteja vivendo um processo de trans-forma-ção individual e coletiva.

Segundo esse estudo, compreende-se que a vivência da extensão universitária, colabora para o fortalecimento de uma graduação mais diversificada que oferece bases não somente para uma formação de pensamento crítico, mas também para o acúmulo de experiências práticas, além de intensificar as bases éticas das ações profissionais. A matriz curricular do curso de Serviço Social na UNIFESP Baixada Santista, ainda tem dificuldades em oferecer ao longo do processo formativo experiências práticas. Por outro lado, nos oferece uma profunda formação sobre o funcionamento da sociedade, nos possibilitando ter um entendimento crítico fundamental para a nossa ação profissional e construção da identidade de assistentes sociais. Compartilhamos dos desafios que é organizar um curso que consiga reunir na sua formação de forma equânime todos esses quesitos. Frente a isso, defendemos que a existência de um leque de atividades extensiosinas possa cumprir esse papel no curso, para isso é necessário ter sustentação institucional: desde a valorização na carreira dos docentes que coordenam esse tipo de ação até os subsídios financeiros para a mesma.

Há grande necessidade do curso de Serviço Social dialogar mais com as experiências práticas que estão ocorrendo no interior da universidade e dar espaço para legitimação desses processos. Dessa forma, os estudantes teriam mais possibilidade de se aproximarem de temáticas que durante a graduação não conseguimos aprofundar. A questão das drogas, relações de gênero, relações raciais, diversidade sexual, o debate sobre prevenção de IST's, pessoas com deficiência, entre outras temáticas trabalhadas por várias extensões no campus Saúde e Sociedade. Essas temáticas, sobretudo para o Serviço Social, são de extrema importância para o desenvolvimento de uma atuação profissional que seja de acordo com o nosso projeto ético-político e são parte do debate contemporâneo que enquanto profissionais da área precisamos nos apropriar.

Nesse sentido, esse acúmulo de vivências proporcionadas pelas experiências de extensão aproxima o/a discente extensionista de temáticas que o/a assistente social irá utilizar no seu cotidiano de trabalho. Conseguimos entrar em contato com alguns desses debates através das propostas de

Seminários Temáticos que objetivam fortalecer a formação e responder a lacunas existentes no interior do próprio currículo.

A escolha desse tema para um projeto de conclusão de curso foi uma escolha baseada naquilo que durante os quatro anos de graduação tocou em minhas percepções subjetivas, coletivas, intelectuais e físicas. Não foi uma escolha fácil ter optado por colocar a vivência da extensão como prioridade na minha formação. Vivenciei dentro desse projeto inúmeras e diversas experiências que me prepararam enquanto sujeito profissional para uma ação profissional com compromisso com uma classe, sociedade e indivíduos, mas sobretudo compreendendo que o maior ganho foi a experiência da sensibilidade.

Aprendi durante todos esses anos com as pessoas que coordenaram esse projeto e fizeram que as ações se tornassem possíveis, além de ter aprendido muito com os agentes da ação de extensão e com aqueles que foram o foco dessas ações. O que quero dizer é que o impacto dessa experiência ocorreu não somente pelas vivências da ação da extensão, mas também da construção coletiva desse projeto. Essa extensão me possibilitou grandes saltos enquanto pessoa, profissional e militante. Houve acolhimento em todos os momentos de dificuldade individual, mas também houveram momentos em que nos amparamos coletivamente para que juntos/as traçássemos caminhos para conseguir executar o trabalho que acreditamos. Houve muito incentivo intelectual que nos guiou e direcionou a uma leitura de mundo crítica, mas acima de tudo sensível. Compreendo que isso se deu por estarmos em um espaço que nos possibilita entrarmos em contato com outras áreas de conhecimento através da interdisciplinaridade e de diferentes formatos de construção do conhecimento científico. O Serviço Social necessita se abrir para outros campos do conhecimento. Necessita compreender que podemos e devemos beber de outras fontes para termos uma profissão que não se esgota em si mesma.

Nesse sentido, para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso fez-se o esforço de sair da minha dimensão individual e mergulhar nas falas e compreensões dos meus colegas. Conhecer e reconhecer se o que para mim tinha feito tanto sentido faria sentido para os meus colegas e de forma eles compreendiam as vivências no interior desse grupo de extensão. Assim através das falas dos/as entrevistados/as pudemos compreender o quão importante é ter a possibilidade de participar desses processos durante a graduação. Esse impacto está relacionado com o processo formativo, mas também com a totalidade dessa vivência, podendo se expandir para as subjetividades de cada sujeito e as suas mais diversas formas de pensar e existir. Quando falamos de impacto não estamos abordando somente as questões de crescimento intelectual. Estamos abordando toda a vivência que a graduação nos permite ter. O trabalho com grupos, por exemplo, categoria citada e escolhida para ser um dos apontamentos desse estudo, não quer dizer somente ao quesito do trabalho técnico-operativo. O trabalho com grupos se refere acima de tudo a um trabalho coletivo. Sabemos da potência existente

nesses processos coletivos para o desenvolvimento de uma sociedade que perceba a sua importância na vida social e quando lidamos com esse fator compreendemos na totalidade e pluralidade a importância de valorizar essa ferramenta.

É preciso ir mais a fundo em vários elementos apresentados nesse trabalho. Um projeto de conclusão de curso não consegue agregar tudo que é necessário para abordar sobre uma temática. A curricularização da extensão apresentada nesse trabalho e discutida com os participantes não se esgota nesses apontamentos realizados. O que é importante notar nesse sentido é a necessidade, urgente de democratizar essa discussão para a categoria discente. Pois, são os discentes, estudantes na sua forma mais plural que executam diariamente a proposta central da extensão universitária, a conexão entre esse saber científico e a sociedade. Muitos/as não sabem absolutamente nada sobre essa temática. Os/as entrevistados quando questionados nunca tinham ouvido sobre e todos/as participaram de projetos de extensão. É notável que o campus Saúde e Sociedade se esforça dentro dos limites da instituição a levar esses debates para toda a comunidade acadêmica, mas não é o suficiente a forma com que isso tem acontecido. De dez entrevistados/as cinco mencionaram a dificuldade de compreender o que é uma extensão dentro da universidade e como acessar esse espaço. Esses/as cinco disseram que só acessaram a partir do convite e estímulo de colegas que participavam do projeto de extensão ‘Juventudes e Funk’.

Em tempos difíceis para a universidade pública e para sociedade brasileira no geral, compreendo que essa discussão se torna relevante para o tensionamento em relação a importância do investimento na educação superior pública e mostra o impacto que a mesma pode e deve ter nas relações sociais. É preciso resistir frente a tanto retrocesso para a permanência desse espaço de produção de conhecimento no formato existente, onde o objetivo central é ser impactado pelo conhecimento científico para poder impactar naqueles que sustentam todo esse sistema desigual e injusto. E para enfrentar as expressões desse atual momento político, precisamos compreender que o futuro depende de como estamos escrevendo o presente, dessa forma, necessitamos de “mais vontade política organizada e menos ilusões otimistas” (Netto, 2007, p. 40).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. “O Serviço Social na educação”. **Revista Inscrita**. N. 6. Brasília: CEFESS, 2000a. p19-24. Disponível em: < <https://issuu.com/cfess/docs/inscrista14-cfess-site>> Acesso em: 5 de novembro, 2018.
- BRAGA, M. E. S. MESQUITA, M. RIBEIRO, A. “A inserção do Serviço Social na Política de Educação na perspectiva do Conjunto CFESS/CRESS: elementos históricos e desafios para a categoria profissional”. **Revista Serviço Social**. n. 30. Brasília: UnB, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=qgybCgAAQBAJ&pg=PA471&lpg=PA471&dq#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 17 de setembro, 2018.
- CARVALHO, C. Q. L. O: desafio da articulação das políticas de educação e assistência social como uma alternativa de enfrentamento das expressões da questão social no espaço escolar. In: V JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. 2011. p. 8. Disponível em: <http://www.joinpp2013.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/IMPASSEES_E_DESAFIOS_DAS_POLITICAS_DE_EDUCACAO/O_DESAFIO_DA ARTICULACAO_DAS_POLITICAS_DE_EDUCACAO_E_ASSISTENCIA_SOCIAL.pdf> Acesso em: 25 de out, 2018.
- CISNE, Mirla. Feminismo e Marxismo: apontamentos teóricos-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. 2018. p. 213. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n132/0101-6628-sssoc-132-0211.pdf>> Acesso em: 24 de out. 2018.
- CRENSHAW, Kimberlè (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics.. 2015. p. 177. Disponível em: <<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>> Acesso em: 2 de out. 2018.
- Diretrizes Curriculares para o Curso de Serviço Social (ABEPPS). In: Coletânea de Leis e Resoluções. **Assistente social: ética e direitos**. 4. ed. Rio de Janeiro: CRESS, 2004. Disponível em: <http://www.abepss.org.br/arquivos/textos/documento_201603311138166377210.pdf> Acesso em: 15 de set. 2018.
- FÓRUM de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012. Disponível em: <<http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 165 p.
- GADOTTI M. Extensão Universitária: para quê? Instituto Paulo Freire. 2017, 18 p.
- ANGELI, J. M. Gramsci, hegemonia e cultura: relações entre sociedade civil e política. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 122, p. 123-132, julho. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13903/7222>> Acesso em: 10 de set. 2018.
- IAMAMOTO V. M. 80 Anos do Serviço Social no Brasil: A certeza na frente, a história na mão. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, n. 128, p. 13-38, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n128/0101-6628-sssoc-128-0013.pdf>> Acesso em: 23 de set.2018.

LAVORATTI, C. COSTA, D. Instrumentos técnico-operativos no Serviço Social: um debate necessário. 2016. 261 p.

LOPES, Roseli Esquerdo et al. Juventude pobre, violência e cidadania. **Saúde sociedade**. São Paulo, v. 17, n. 3, p. 63-76, Setembro. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300008> Acesso em: 2 de ago. 2018.

MARGULIS, M. & URRESTI, M. La juventud es más que una palabra. In: Margulis, M. (org.). La juventud es más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 4.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. 14º ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 408 p.

NETTO, José Paulo. Das ameaças à crise. **Revista Inscrita**, Brasília, n. 10, 2017. p. 37-40. Disponível em: <https://issuu.com/cfess/docs/revistainscrita-cfess__10_> Acesso em: 3 de set. 2018.

NETTO, J. P. A construção do projeto ético-político contemporâneo. In: Capacitação em Serviço Social e Política Social. Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999. Disponível em: <http://www.ssrede.pro.br/wp-content/uploads/2017/07/projeto_etico_politico-j-p-netto_.pdf> Acesso em: 22 de out. 2018.

PAULA, J. A. A Extensão Universitária: História, conceito e proposta. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/5/pdf> Acesso em: 9 de nov. 2018.

PINA-OLIVEIRA, A. A., CHIESA, A. M. Boaventura de Sousa Santos e suas contribuições para a extensão universitária no século XXI. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**. Florianópolis, v. 13, n. 23, p.03-15, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2016v13n23p3/32672>> Acesso em: 29 ago. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Campus Baixada Santista. Projeto Político Pedagógico do Curso de Serviço Social. Santos, São Paulo. 2016. p. 35.

ROCHA, R. M. G. Extensão Universitária: comunicação ou domesticação? Educação em Debate, 1983. p. 53-60. Disponível em: <<http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/view/396/241>> Acesso em: 11 de ago. 2018.

SANTOS, B. S. A Universidade no século XXI. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SANTOS, B. S. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 53-54.

SANTOS, Cláudia Mônica dos; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda (Org.). A Dimensão Técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. p. 11.

SILVA S. P. e QUIMELLI G. A. S. A Extensão Universitária como Espaço de Formação Profissional do Assistente Social e a Efetivação dos Princípios do Projeto Ético-Político. **Revista Emancipação**. v. 6, n. 1. 279-296. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/83>> Acesso em 12 de nov. 2018.

SILVA, Anna Carolina Martins; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella; SANTANA, Carmen Lúcia Albuquerque de (Org.). Com-idade: experiências extensionistas. São Paulo: Páginas & Letras, 2014. 188 p.

THOMPSON, A. A. (Org.) Associando-se a juventude para construir o futuro. São Paulo: Peirópolis, 2005. p. 1-199.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Campus Baixada Santista. Programa de Extensão Universitária. **Juventudes na Baixada Santista:** territórios, redes, saúde e educação. Santos, 2018. 29p. Disponível em:
<<https://drive.google.com/file/d/1P8vZbY1dzdeJ91hp7YO6LxjSD1JqGVYy/view>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA TCC

Nome:

Data de Nascimento:

Curso/turno/termo:

Área de atuação (se houver):

- 1) Você está atualmente no projeto Juventudes e Funk? Se sim, desde quando? Se não, por qual período você participou do projeto de extensão?
 - 2) Você se lembra das experiências proporcionadas pela extensão? Poderia contar momentos marcantes que você vivenciou enquanto extensionista?
 - 3) Você poderia fazer uma análise das experiências que a extensão proporcionou para sua formação profissional?
 - 4) Existe algo específico para formação em Serviço Social que extensão proporcionou através das suas experiências e que você identifica como importante?
 - 5) Você acredita que a curricularização da extensão possa ser positiva para a formação profissional?
- Quais sugestões você daria para o processo de extensão universitária?

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) Pesquisa

“Percepções de extensionistas sobre o Projeto ‘Juventudes e Funk na BS’ para a formação em Serviço Social”

Vimos solicitar seu consentimento para que (nome completo)

____ participe da pesquisa sobre **‘Percepções de extensionistas sobre o Projeto ‘Juventudes e Funk na BS’ para a formação em Serviço Social’**, objetiva-se compreender como sua experiência na condição de extensionista colaborou na sua formação profissional em Serviço Social. Dessa forma, os procedimentos realizados para isso serão entrevistas em profundidade a partir de um roteiro de perguntas previamente elaborado.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida sob a coordenação da Prof^a. Dra. Patrícia de Oliveira Borba docente do Departamento Saúde, Educação e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – Campus Baixada Santista, e pela aluna pesquisadora Giovanna Moreira Zanchetta, graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista.

As entrevistas serão transcritas e enviadas para os colaboradores para eventuais correções.

É garantida a liberdade de retirada do consentimento a qualquer momento e a desistência de participação da pesquisa. Todas as informações obtidas serão analisadas, não sendo divulgada a identidade dos/as participantes em momento algum. Estes dados só serão utilizados para pesquisa científica.

Em qualquer etapa do estudo, é possível ter acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas.

Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Prof. Francisco de Castro, 55 – 04020-050 - tel: (11) 5571-1062, fax: (11) 5539-7162 – email: cep@unifesp.edu.br ou se quiser entrar em contato direto com a pesquisadora, Departamento de Saúde, Educação e Sociedade, Rua Silvia Jardim 119, Centro, Santos, tel. (13)38783700.

Eu _____
_____ entendo que qualquer informação obtida sobre mim será confidencial. Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim. Minha assinatura demonstra que eu concordei livremente em participar deste estudo.

Entendo que estou livre para recusar a participação neste estudo ou para desistir a qualquer momento, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido ou o atendimento neste serviço. A participação na pesquisa é voluntária, não acarreta nenhum gasto. Também não há compensação financeira relacionada à participação. Serão assinadas duas vias, sendo que uma ficará com o participante e a outra com a pesquisadora.

Nome do participante:

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome do pesquisador:

_____ Assinatura do
pesquisador responsável

Data: ____/____/____